

BACH-TIDÃO: Uma análise da canção *Bum bum tam tam*

Juliano Lourenço Ferreira de Moraes¹

RESUMO

Este artigo propõe uma análise da canção *Bum bum tam tam* composta por MC Fioti, que deslocou o funk de um subgênero brasileiro para um *status* de *world music* ao ser o primeiro videoclipe nacional a ter mais de um bilhão de visualizações no *YouTube*. Apresenta uma breve reconstituição histórica do gênero funk e estabelece seu lugar de importância nas representações culturais brasileiras. Realiza uma proposta de leitura da canção de MC Fioti em diálogo com a tradição cancionista nacional, observando e destacando pontos convergentes entre elas. Traz uma breve descrição da trajetória do compositor. Expõe a repercussão nas redes sociais digitais da adaptação do *hit* utilizada para promover a vacina CoronaVac, produzida pelo Instituto Butantan, em razão da semelhança sonora entre o título da canção e o nome do instituto, que trouxe à tona a reflexão de que o funk pode ser crítico em vez de reforçar estereótipos e padrões de comportamento, uma vez que se tratou de uma construção para conscientizar sobre a importância de se vacinar.

Palavras-chave: Canção Brasileira; Funk Paulista; Música Popular; Cultura Afro-brasileira; Arte Periférica.

BACH-TIDÃO: An analysis of the song *Bum bum tam tam*

ABSTRACT

This current paper aims to analyze the song *Bum Bum Tam Tam*, written by MC Fioti, who has taken 147razilian funk music to world music status after his song has become the first 147razilian music video to achieve one billion views on YouTube – this music genre was

¹ Mestrando em estudos literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Marques Neto. Graduado em Letras, bacharelado e licenciatura, também pela Unifesp. Pesquisa a produção literária contemporânea da cidade de Guarulhos com ênfase na subjetividade, voz e reivindicação de território a partir dos versos impressos nos fanzines da produtora Colar Faz Bem de Aline Fonseca. Editor da *Ctrl+v*, iniciativa coletiva de publicações independentes. E-mail: julianolourencodemoraes@gmail.com Orcid: 0000-0002-2875-9380



previously considered as a subgenre. It presents a brief historical reconstruction of the funk genre and establishes its place of importance in Brazilian cultural representations. Makes a proposal for reading the song by MC Fiotti in dialogue with the national song tradition, observing and highlighting points that converge between them. It provides a brief description of the composer's trajectory. It exposes the repercussion on digital social networks of the hit adaptation used to promote the CoronaVac vaccine, produced by the Butantan Institute, due to the sound similarity between the song title and the institute's name, which brought to light the reflection that funk can be critical instead of reinforcing stereotypes and behavior patterns, since it was a construction to raise awareness about the importance of getting vaccinated.

Keywords: Brazilian Song; Paulistian Funk; Popular Music; Afro-brazilian Culture; Peripheric Art.

1. Introdução

O Funk é uma manifestação cultural popular, um fenômeno que se originou das massas periféricas e marginalizadas, com base nas tradições rítmicas e ritualísticas afro-brasileiras, muitas delas perseguidas em seus primórdios, como foram a capoeira, o samba, o axé *music* que hoje, após a apropriação pelos grandes veículos midiáticos, encontram lugar de destaque na brasilidade se tornando aceitos em todas as classes e outrora eram vistos como coisa de vagabundos e desordeiros, chegando a serem proibidas suas práticas. Embora hoje seja instituído como um dos estilos musicais mais lucrativos do mercado fonográfico, movimentando milhões em shows, serviços de *streaming* e em propagandas através da venda do *way of life*, os funkeiros ainda são estigmatizados, sofrem preconceitos e padecem por terem suas imagens associadas a algo depreciativo, de mal gosto e/ou vulgar, tais pré-conceitos atrelados a valores conservadores que insistem em tachar como boas ou ruins tais expressões artísticas, tendo como parâmetros o gosto pessoal sob a régua da tradição, a velha cartilha ensinada em estabelecimentos elitistas para filhos da elite financeira que se considera também a elite intelectual. Indiferente ao contragosto dos puristas, o funk avança. E seus protagonistas apropriam-se a partir do funk de suas raízes sonoras, o que resulta no fortalecimento de um estilo de vida e na emancipação de suas subjetividades através do reconhecimento de uma identidade cultural colaborativa. Segundo Dayrell:



O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Nesse contexto, a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. Muitos deles deixam de ser simples fruidores e passam também a ser produtores, formando grupos musicais das mais diversas tendências, compondo, apresentando-se em festas e eventos, criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual além da lógica estreita do mercado. (DAYRELL, 2002, p. 119)

Os frutos dessa emancipação estão no dia a dia contribuindo para a formação mais plural em respeito a toda diversidade encontrada no Brasil. Em busca por mudança nesse cenário de opressão e desvalorização, os produtores e artistas do funk caminham e, com muita resistência, se firmam como reexistência da cultura e expressão artística de um povo. Não por coincidência, o primeiro vídeo de um artista brasileiro a alcançar a marca de um bilhão de visualizações na plataforma *YouTube* foi de um funkeiro, MC Fioti, um jovem paulista, com sua canção *Bum bum tam tam*², juntou-se com sua façanha à uma seletiva parcela de artistas da música mundial como Luis Fonsi, Psy, Queen, Nirvana, estes dois últimos atingiram a marca do bilhão muitos anos após o lançamento de suas canções.

No segundo semestre de 2020, o vídeo mais visto na plataforma foi o clipe *Baby Shark* da Pinkfong, com mais de 7 bilhões de visualizações, desbancando o fenômeno da música *pop* *Despacito* de Luis Fonsi³.

Fioti não só faz história ao alcançar a marca notável do bilhão e continuar a atrair visualizações, até o encerramento deste texto, novembro de 2021, já passavam de um bilhão e seiscentos milhões, ao atrair o olhar das gravadoras e produtores internacionais para a produção nacional, o Mc deslocou o funk de um subgênero brasileiro para um *status* de *world music*, isto é, não mais se trata de uma canção regional e passa a ser vista como fenômeno *pop*

² FERREIRA, Leandro Aparecido. *Bum Bum Tam Tam*. In: MC Fioti. *Bum Bum Tam Tam* Single [Online]. BR: RW Produtora, 2017. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=P7S2lKif-A&abchannel=Canal_KondZilla acessado em 06/01/2021.

³ De acordo com matéria da BBC, a antiga música do acampamento cresceu quando a empresa coreana de entretenimento educacional infantil Pinkfong colocou sua versão no *YouTube* em 2016. *Baby shark é o vídeo mais assistido no youtube*. Isto é dinheiro. 2020. Disponível em <https://www.istoedinheiro.com.br/baby-shark-e-o-video-mais-assistido-do-youtube-confira-aqui> acesso em 07/01/2021.



mundial. Além disso, a canção entra para o catálogo de canções que massificam mesmo em termos globais. Escovando a história da música brasileira à contrapelo, Fioti deu o troco.

A explosão do Funk teve início nos anos 70 na mescla dos bailes soul, funk, charme, regados a canções e batidas norte americanas que dominaram a juventude negra de todo o país, um movimento de marcação de identidade e empoderamento através da arte no reconhecimento de um povo e de suas valorizações enquanto sujeitos, abrindo caminho para expressões inspiradas nesse movimento como o rap, o hip-hop e o funk nacional. Não tardou a ser marginalizado, na mesma década os bailes das regiões centrais foram proibidos, seus frequentadores perseguidos e presos arbitrariamente, até encontrar refúgio nos morros e favelas, região “Habitada por gente simples e tão pobre / que só tem o sol que a todos cobre” (CARTOLA, 1976)⁴ como já cantava o poeta de Mangueira. Nos morros e favelas, o funk se cria e ao longo dos anos vai ganhando as características a partir das vivências das comunidades para se formar e firmar como um movimento expressivo cultural. Segundo Belo, o funk seguiu a trajetória marcada por quase todos os gêneros:

Embora tenha passado por uma fase de criminalização e demonização pela mídia, na qual estava presente nas seções policiais dos grandes jornais, depois ganhou espaço nas seções culturais dos grandes jornais brasileiros e no mercado (Herschmann, 2005). Isto é, o funk invadiu o asfalto e o mercado musical. (BELO, 2016, p. 11)

Um dos pioneiros no movimento de criação do funk brasileiro, foi o DJ Marlboro, que liderou no começo do novo milênio o que ficou conhecido como Furacão 2000, fenômeno que tornou o funk nacionalmente conhecido ao ser reproduzido exaustivamente nos canais da mídia aberta, sucessos como Bonde do Tigrão, Mc Serginho e Lacraia, Mc Perlla, Tati Quebra-Barraco, entre outros. Depois de ganhar uma bateria eletrônica, o DJ acreditou na possibilidade de um projeto revolucionário do gênero “Com essa bateria eletrônica eu começo a fazer as primeiras músicas; e, aí, acho o caminho para compor o funk brasileiro”, (MARLBORO apud VELOSO, 2018).

⁴ CARTOLA (Angenor de Oliveira). *Sala de recepção*. In: CARTOLA II. Cartola: [Vinil]. BR: Marcus Pereira Discos, 1976.



Fernando Luiz, o DJ Marlboro, foi um dos precursores das canções “que traziam uma batida eletrônica e contagiante, além de letras que retratavam a realidade da violência existente nas favelas, o produtor conseguiu introduzir a cultura brasileira no movimento.” (VELOSO, 2018)⁵. O DJ Marlboro se apropriou das batidas e do ritmo internacional e abraçou o funk.

Ao se abraçar, o funk deixou de ser apenas fundo musical para a dança para ser também e crescente porta-voz, criando uma cadeia de produção e consumo. (SOUTO apud BELO, 2016, p. 11)

A propagação do funk brasileiro do Rio de Janeiro misturado ao rap, junto a uma ascensão da classe média e de uma suposta melhoria de vida a partir do acesso ao consumo, desse gênero dinâmico, avesso ao purismo, surge o Funk Paulista, ou como ficou mais conhecido o Funk Ostentação. Uma vertente do estilo com um novo enfoque nas letras e na postura dos seus cantores e MCs, os Mestres de Cerimônia como são chamados⁶, as letras que outrora falavam de uma parcela da realidade cotidiana dos moradores do morro ou das favelas, com forte apelo ao erotismo, ganham novo fôlego em São Paulo com acréscimos de valores de uma ascensão social repentina, esses jovens por meio de suas criações conseguem livre acesso aos bens de consumo, uma vida de luxo e de sonhos, ainda perpetrada por um erotismo de fantasia adolescente.

O Brasil caracterizou-se na última década como um país em ascensão econômica e que possuía uma grande parcela da população integrando a classe média com um aumento de poder aquisitivo, e ainda motivada pelo consumo. Esse panorama econômico e social aliado ao surgimento de ferramentas de edição de vídeos que possuem interface facilitada para o usuário, o aumento de velocidade da internet, profissionalização dos agentes dos campos musicais brasileiros e ascensão dos sites de compartilhamento de vídeos na web cooperam

⁵ VELOSO, Vinicius. *Funk brasileiro: das raízes clássicas até a nova geração frenética*. Correio Braziliense, 2018. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/08/07/interna_diversao_arte,699492/funk-brasileiro-das-raizes-classicas-ate-a-nova-geracao-frenetica.shtml. Acesso em: 23/11/2021.

⁶ Um MC pode ser um artista que atua no âmbito musical ou pode ser o apresentador de um determinado evento que não está necessariamente ligado a uma manifestação musical. No contexto musical, as primeiras manifestações de um MC surgiram na música jamaicana, onde em festas (muitas vezes em salões de dança), homens usavam o microfone para animar o público. Mais tarde, nos Estados Unidos, o MC nas funções conhecidas hoje em dia, apareceu no âmbito do Hip Hop, onde trazia animação para as festas. Em muitos casos, o MC ajuda o trabalho do DJ, pois enquanto ele “passa” a música, o MC interage com o público, criando um ambiente mais envolvente. Os MCs também compõem e cantam o seu próprio material, ou então improvisam, inventando letras no momento, algo conhecido como *freestyle*.

MC. Significados, 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/mc>. Acesso em: 28/12/2020.



para a formação e o desenvolvimento de gêneros musicais como o funk ostentação. (BELO, 2016, p. 28)

No Funk Paulista, meninos e meninas ostentam carros de luxo, bebidas caras em frente a piscinas, jóias e pessoas com corpos padronizados em uma estética de beleza midiática, um mundo até então negado aos jovens periféricos, segundo Dayrell:

Esses estilos possibilitaram e vem possibilitando a esses jovens práticas, relações e símbolos por meio dos quais criam espaços próprios, significando uma referência na elaboração e vivência da sua condição juvenil, além de proporcionar a construção de uma auto-estima e identidades positivas. (DAYRELL, 2002, p.117)

Cria-se, portanto, uma nova estetização dos corpos periféricos e novos padrões de beleza, mesmo que através do alcance desses jovens aos velhos valores da burguesia.

Com o advento da internet e o maior acesso às tecnologias, o funk (assim como o tecnobrega, por exemplo) conseguiu propagar ainda mais os seus versos e MCs independentes têm a chance de lançar e divulgar suas músicas, utilizando o videoclipe como recurso ou não, para um número maior de pessoas. O funk ostentação surge nesse contexto e se apresenta mostrando o território ocupado pela população periférica que ascendeu às classes médias. (BELO, 2016, p. 96)

Ao que Dayrell acrescenta em seu artigo sobre o rap e o funk na socialização da juventude:

Esse jovem vai abrindo outros espaços, nos quais o grupo de pares, o estilo ao qual adere e o consumo dos meios de comunicação de massa vão cada vez mais se constituindo como parâmetros de avaliação e organização das relações interativas com a realidade externa. Esse jovem tem acesso a múltiplas referências culturais, constituindo um conjunto heterogêneo de redes de significado que são articuladas e adquirem sentido na sua ação cotidiana. Assim, ele interpreta a sua posição social, dá um sentido ao conjunto das experiências que vivencia, faz escolhas, age na sua realidade: a forma como ele se constrói e é construído socialmente, como se representa como sujeito, é fruto desses múltiplos processos. (DAYRELL, 2002, p. 121)

Em 2009, os MCS Backdi e Bio G3, lançaram a canção *Bonde da Juju*, considerada como o primeiro funk ostentação. A canção é composta pela batida costumeira dos funks e sua letra faz referência aos artigos de marcas caras, como os óculos Juliet e o tênis Nike Shox.

Em entrevista para o documentário Funk ostentação – O filme, Cléber Passos Alves, conhecido como Bio G3, declara que conheceu o funk em 2005 no litoral de São Paulo, na Praia Grande. Após esse contato, levou a ideia para a capital, adaptando o rap com o funk. Segundo o MC, o funk começou a se expandir na cidade e revelar novos cantores por meio de festivais que foram realizados. Josley Caio Faria, conhecido como MC Dede, que é um dos pioneiros do funk ostentação com a canção Olha o kit e foi revelado através desses eventos, explica no documentário que as letras cantadas nos festivais não poderiam fazer apologia às drogas, crime ou prostituição. Segundo o MC, ele frequentava os bailes com sapatos desgastados, enquanto a marca Oakley estava na moda, por isso começou a cantar músicas que ostentavam



marcas e bens de consumo desejados. As letras fizeram sucesso entre os jovens das periferias que muitas vezes não tinham condições de comprar os produtos das marcas e possuíam “réplicas”. Segundo MC Dede, “a gente [os MCs do funk ostentação] é uma referência na comunidade, a gente é uma referência no bairro, a gente é uma referência em São Paulo”. O videoclipe é fundamental para o funk ostentação. (BELO, 2016, p. 101-102)

Em seguida vieram os clipes, fundamentais para enraizar a estética do movimento e auxiliar na propagação das canções. Os primeiros videoclipes de repercussão foram produzidos pelo diretor conhecido como Kondzilla, Konrad Dantas, paulista de 33 anos.

O videoclipe é fundamental para o funk ostentação, pois é através dele que os MCs exibem os carros, motos, relógios, roupas, entre outros produtos de marcas de luxo. Konrad Dantas, conhecido como Kondzilla, nasceu em Santo Antônio no Guarujá e é um importante agente do campo de videoclipes de funk ostentação. Em entrevista concedida ao programa de televisão Mundo SA (2015), exibido pelo canal de TV por assinatura Globo News, Konrad revela que começou a ter contato com o funk porque nasceu em uma região onde o ritmo possui um público grande, e ele começou a se interessar pelo videoclipe quando assistia os vídeos dos rappers dos EUA. Segundo Konrad, ele achava que seria fácil produzir algo como aquilo e após estudar cinema, começou a trabalhar com produção e fez um videoclipe para a sua banda. Konrad declara na entrevista que: Eu sabia a importância que o funk tinha para a favela e sabia que ninguém que tinha a capacidade técnica e artística para fazer um trabalho audiovisual para o funk ia fazer porque tinha preconceito. Hoje um monte de gente quer fazer funk, é muito legal fazer funk, mas lá atrás ninguém quis fazer. (BELO, 2016, p. 102)

Ou seja, tem toda uma elaboração de uma estética consciente. Após o desbravamento dos primeiros MCs paulistas, o funk ganha força na terra da garoa, de São Paulo o gênero vai ampliando seu alcance para todo o Brasil. MC Fioti faz parte da geração resultante dos pioneiros da capital, e suas composições e colaborações como produtor refletem essa realidade. Ao analisar a canção do Fioti, pode-se notar que não é à toa que se torna um sucesso popular, há nela referências em diálogos diretos e/ou subjetivos com a tradição canção brasileira.

Escolhemos a canção *Bum bum tam tam* como objeto de análise, pois ela capta, em seu tempo e em sua estrutura, a “sacada” em sua composição, “a poética da sacada faz do poema a performance do instante, o lampejo da ideia, o caco poético em coletâneas às vezes até coletivas.” (MARQUES, 2014, p. 107). Nessa boa fortuna de conseguir registrar uma ideia, um fragmento do cotidiano, um fecho de luz da vida real e cotidiana. Segundo Marques:

O legado das sacadas, a produção mais popular de hoje, talvez seja funcionar como usina de reciclagem tropológica. Poetas conseguem selecionar, reaproveitar, refundir simulacros de corpos ainda que percíveis e heterogêneos. A beleza do escombro, do retalho, do caco. (MARQUES, 2014, p. 111)



2. A canção *Bum Bum Tam Tam*

BUM BUM TAM TAM
de Leandro Aparecido Ferreira

É a flauta envolvente
Que mexe com a mente
De quem 'tá presente
As novinha saliente
Fica loucona
E se joga pra gente (eu falei assim pra ela)
Vai com o bum bum tam tam
Vem com o bum bum tam tam
Vai mexe o bum bum tam tam
Vem desce o bum bum tam tam
Vai mexe o bum bum tam tam
Vem desce o bum bum
Vai com o bum bum
Vem com o bum bum (com o bum bum, com o bum bum)
Vai treme o bumbum
Tam tam tam tam tam tam tam tam
Autenticamente falando
E aí, pô
Nós 'tá tipo como
É a flauta envolvente
Que mexe com a mente
De quem 'tá presente
As novinha saliente
Fica loucona
E se joga pra gente (eu falei assim pra ela)
Vai com o bum bum tam tam
Vem com o bum bum tam tam
Vai mexe o bum bum tam tam
Vem desce o bum bum tam tam
Vai mexe o bum bum tam tam
Vem desce o bum bum
Vai com o bum bum
Vem com o bum bum (com o bum bum, com o bum bum)
Vai treme o bum bum
Tam tam tam tam tam tam tam tam
Autenticamente falando
E aí, pô
Nós 'tá tipo como



No início a canção nos introduz ao universo onírico sob o efeito da flauta de Johann Sebastian Bach em sua *Partita em Lá menor para flauta solo*, composto no século XVIII, acrescida de uma onomatopéia que também é vocativa "Hã!", repetidas vezes enquanto a batida se mescla ao som da flauta, então os primeiros versos da canção preveem a sensação do público ao ter contato com a música: "É a flauta envolvente / Que mexe com a mente / De quem 'tá presente", o MC acertou em sua premonição, pois esta introdução gruda igual chiclete na cabeça de quem a ouve, mais do que isso quebra um paradigma das canções do estilo ao enaltecer a própria canção, ele não começa falando de si ou do corpo (ou parte) de uma mulher, ele exalta a música, é a flauta que mexe com o público, o poder místico que resultará no encantamento esta na flauta, na música. Dessa metalinguagem junto ao som encantatório nasce a inspiração para o mote a ser glosado, ou a procura da batida perfeita que a contemple, o bum bum tam tam. A flauta costuma ser associada com o misticismo em diversas culturas no mundo, desde os tempos em que eram feitas com ossos de gente e bicho e se afirmavam que ao tocá-las se evocavam suas almas. Na tradição da música temos a Flauta Mágica de Mozart e a fábula imortalizada pelos irmãos Grimm sobre o Flautista de Hamelin⁷.

A estrutura da letra é composta por uma sextilha com versos em redondilha e pelo que se pode identificar como o refrão, estrofe em oito versos com variações sobre o tema, também em sua maioria em heptassílabos. O sistema rimático ao final dos versos termina em ENTE, com exceção do quinto verso que quebra a expectativa e termina em ONA, também este é uma redondilha menor diferente das demais da estrofe. Já o refrão se utiliza da repetição de palavras no final dos versos TAM e BUM e da variação no início dos versos entre VAI e VEM, alternando de um verso para outro. Apesar de trabalhar com poucas rimas, o MC consegue algo como um minimalismo de notas, em que uma batida verbal flutua na batida musical.

⁷ "A história do flautista é conhecida em pelo menos 42 países e 30 idiomas, talvez mais e aparece na arte, na literatura e na música. O flautista é uma herança compartilhada por muitas pessoas, e essa herança cultural nos conecta." (REIMER apud KADUSHIN, p. 3, 2020).

KADUSHIN, Raphael. *O sumiço de 130 crianças alemãs por trás da lenda mágica do flautista de Hamelin*. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-54448658>. Acesso em: 03/07/2021



O cantor estabelece uma relação mais íntima com o público estimado “As novinha saliente / Fica loucona / E se joga pra gente”, a alusão “as novinhas” é uma tópica comum ao estilo funk, trata-se das mulheres e meninas que frequentam os bailes, vão em busca de diversão, dançar e algumas vezes paquerar, esta última parte costuma mover e atizar o público masculino, meninos e homens que lotam os bailes em busca de diversão e acima de tudo de conquistar uma “novinha saliente”. O termo saliente do latim saliens (-entis), particípio presente de salio (-ire) que pode ser entendido como saltar, pular, brotar, rebentar⁸, pode ser observado no sentido literal e metafórico dentro da canção, tanto a protuberância que salta aos olhos, isto é, a jovem que tem nádegas avantajadas e/ou no sentido de discurso moral, no qual ela se permite tomar a iniciativa em um comportamento atrevido.

Portanto, o começo da música estabelece o ambiente e as regras do jogo, está posto o *homo ludens* de que nos fala Huizinga, o homem que pertence ao sistema embasado no jogo entre os atores que participam empiricamente antes mesmo de tomarem consciência de que estão jogando, pois a própria vida consiste no movimentar-se dentro dele. Há o som dançante, “envolvente” e tem essa associação lúdica entre magias, uma que é musical, pela flauta, e outra que fantasmática, pelo gênio. Aliás, o gênio foi mantido na versão que fizeram pro Butantã em 2020 na campanha para a vacinação em São Paulo, falaremos disso mais abaixo. Há também as “novinhas salientes” dispostas a dançarem e dentro das regras se permitirem jogar sob o comando do que dita a todos o Mestre de Cerimônia, “Aí, eu falei assim pra ela”, neste momento lança o movimento que inicia o jogo. O trecho se repete com a voz distorcida, o Mc utiliza-se de uma artimanha amplamente divulgada nas últimas décadas dos anos 2000, distorções que aceleram, desaceleram, tornam finas ou graves as vozes, recurso utilizado inclusive no rock, rap e forró, por exemplo. Essas distorções podem amenizar ou infantilizar abordagens, facilitando temas indesejados e/ou reforçando o caráter brincante da canção:

Vivemos no Brasil uma situação paradoxal. Nas últimas décadas vem ocorrendo uma modernização cultural, consolidando uma sociedade de consumo, ampliando o mercado de bens materiais e simbólicos, mas que não é acompanhada de uma modernização social. Assim, os jovens pobres inserem-se, mesmo que de forma restrita e desigual, em circuitos de

⁸ SALIENTE in.: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/saliente>. Acesso em: 03/07/2021.



informações, por meio dos diferentes veículos da mídia, e sofrem o apelo da cultura de consumo, estimulando sonhos e fantasias, além dos mais variados modelos e valores de humanidade. A esfera do consumo cultural torna-se um momento importante para as trocas sociais, propiciando o acesso aos estilos, por exemplo. (DAYRELL, 2002, p.124)

O ápice alcançado no refrão é o jogo total, o corpo convertido em instrumento musical e sexual pleno. A própria onomatopeia percussiva, que remete ao couro, à pele: “Vai com o bum bum tam tam / Vem com o bum bum tam tam / Vai mexe o bum bum tam tam / Vem desce o bum bum tam tam” em que a música ganha novos elementos como instrumentos percussivos, acrescido de uma espécie de reco-reco e a batida aumenta a velocidade. Além do apelo sonoro, suficiente para levar o público a desejar o movimento, há sagacidade na construção da letra ao jogar com a ambiguidade e os valores construídos socialmente, ao convidar para ir com o “bum bum tam tam” o som das palavras sugere uma batida de instrumentos de percussão ao mesmo tempo em que sonoramente se constitui a palavra “bumbum”, eufemismo para a região dos glúteos, a tal da saliência desejada, tão valorizada nacionalmente embora velada diante da hipocrisia da sociedade machista patriarcal, no entanto, ao longo da história da construção do país muitos movimentos de dança tiveram o remelexo das nádegas, bem como a sensualidade delas, como mote, vide o axé, o samba, entre outros. Assim como o erotismo se finge pudico por essas terras tupiniquins, também o uso de palavras com duplo sentido sempre teve muita serventia, exemplos não faltam de canções que se utilizam de ambiguidades visando a troça, o humor, a sátira, a sexualização disfarçada, dentre outras tantas possibilidades. “É terra de trocadilho, infâmia, deslocamento irônico, sacanagem, linguagem malandra.” (MARQUES, 2014, p. 120)

Então temos nos dois primeiros versos o chamamento para o ritmo do bum bum tam tam e nos dois últimos o movimento do corpo no mexer e no descer o bum bum, em seguida o vai e vem também se libera ao corpo no “Vai com o bum bum / Vem com o bum bum”.

Não obstante a utilização de muitos elementos de uma forma de sucesso dentro do gênero já estabelecido funk, Mc Fioti, acrescenta ao longo do refrão frases que ele fala diretamente ao ouvinte “Autenticamente falando” e “Nós tá tipo como?” estas falas marcam o que podemos chamar de uma quebra da quarta parede da canção, algo que não é uma novidade



dentro das experiências canceioneiras, este tipo de recurso, bem como a quebra da quarta parede do teatro épico, aproxima o público do artista, não há película protetora, o cantor fala diretamente a quem o ouve. A mensagem é direta para ser ouvida e materializada ao público que está no baile ou que baila na vida, o recado é mandado aos que estão no gueto e aos que já estiveram e, via de regra, é entendida, é sentida dessa maneira, uma busca por entretenimento, por uma satisfação mesmo que fugaz. Logo o cantor está feliz por ter encontrado a batida que buscava, está feliz e transmite essa felicidade durante a gravação, por isso afirma a autenticidade e essa espécie de verdade captada é transmitida e contagia quem ouve.

O rap e o funk cumpriram e vêm cumprindo um papel significativo na vida desses jovens. Um primeiro aspecto diz respeito ao exercício da criatividade. Os estilos rap e funk possibilitam que esses jovens se introduzem na cena pública para além da figura do espectador passivo, colocando-se como criadores ativos, contra todos os limites de um contexto social que lhes nega a condição de criadores. Dessa forma, a experiência nos grupos musicais assume um valor em si, como exercício das potencialidades humanas. A música que criam, os shows que fazem, os eventos culturais dos quais participam aparecem como forma de afirmação pessoal, além do reconhecimento no meio em que vivem, contribuindo para o reforço da autoestima. Ao mesmo tempo, através da produção cultural que realizam, principalmente o rap e seu caráter de denúncia, colocam em pauta no debate público o lugar social do pobre e da pobreza. (DAYRELL, 2002, p. 133)

3. E aí, fioti?

O MC Fioti, Leandro Aparecido Ferreira, 26 anos, nasceu em Itapeverica da Serra, na cidade de São Paulo e se criou na zona sul paulistana no Capão Redondo, região periférica reconhecida no cenário musical por ilustrar canções de rap, sobretudo dos Racionais Mc's. Iniciou no funk em 2009 e obteve destaque no cenário em 2016 com a canção *Vai tomar*, que teve a participação do MC Pikachu, o clipe publicado no mesmo ano no *YouTube* alcançou mais de 45 milhões de visualizações em poucos meses. Depois disso, Fioti passou a integrar a equipe da RW, produtora que gerencia a carreira de funkeiros e em 2017 soltou criações como *Você me deixou* e *Bum grave*, ambas alcançaram relativo sucesso dentro do gênero. Porém, antes de se estabilizar como MC, Leandro afirma ter trabalhado como atendente de *fast food* e ajudante de pedreiro. No início da carreira no mundo da música, como produtor, chegou a dormir em um colchão dentro da gravadora para economizar dinheiro da condução entre a zona sul em que morava até o trabalho na zona leste. Foi durante esse período, 2017, em que trabalhava no



estúdio e ganhava 200 reais por funk produzido que ele criou o seu maior sucesso até o momento. Segundo ele, em um dia inteiro, após ficar ouvindo a flauta de Bach martelando na sua cabeça, com o celular, pois estava na casa da sua namorada, ele gravou o que seria praticamente a versão final, somente alterada com o acréscimo dos efeitos no estúdio⁹. O MC afirma que até experimentou outras gravações dentro de qualidades e padrões mais elevados, mas sentiu a perda da essência da canção

Sem dúvida a experiência como produtor e sua trajetória de vida colaboraram na composição de sua canção de sucesso, não à toa que a versão definitiva foi feita por ele mesmo, com todos os elementos de sucesso da época, as alterações de vozes, a batida, as repetições, o diálogo estabelecido com o ouvinte e um último artifício utilizado para estabelecer uma conexão entre seus trabalhos na produção e sua obra artística, a frase “E aí, Fioti” repetida ao longo da canção. Esta frase é resgatada de outros trabalhos do Mc, em participações com outros funkeiros, portanto, ao acioná-las, ele está contando com o apoio dos companheiros que ajudaram na caminhada.

Desse modo, surge a obra do entusiasmo mas também do cansaço e do apuro da técnica pela prática. Um funk pode parecer simples em sua composição em um primeiro momento para um ouvinte desavisado, mas toda arte se ocupa de revelar a arte e muitas vezes ocultar o labor do artista, como bem o disse Oscar Wilde, deslocando a frase do autor da sua premissa romântica do lugar do artista como gênio para o artista como agente individual dentro de uma estrutura coletiva na qual é afetado e a afeta. Portanto, na suposta singeleza consiste toda a movimentação de referências de uma vida. Nas múltiplas camadas das manifestações artísticas revelam-se temáticas igualmente múltiplas da própria vida.

MC Leozinho, um dos tantos artistas que fizeram sucesso no fenômeno do Furacão 2000, autor da canção *Ela só pensa em beijar* (Se ela dança / Eu danço) de 2006, no documentário *Do funk ao pop* afirma que “o funk não precisa de um elemento específico para ser funk, apenas

⁹ ORTEGA, Rodrigo. *Como MC Fioti usou flauta de Bach em produção caseira e transformou 'Bum bum tam tam' em aposta mundial*. G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/como-mc-fioti-usou-flauta-de-bach-em-producao-caseira-e-transformou-bum-bum-tam-tam-em-aposta-mundial.ghtml>. Acesso em: 07/01/2021



escutando o ouvinte saberá que é funk.” (BELO, 2016, p. 93). No mesmo documentário o MC demonstra a partir da comparação entre uma canção de rock dos anos 80 *Your love* da banda The Outfield¹⁰ e o *Rap das Armas* do Cidinho e Doca¹¹, funk que ficou famoso como ‘Morro do Dendê’ por compor a trilha sonora do filme *Tropa de Elite* de 2007 dirigido por José Padilha. Ao tocar, demonstra “a influência da primeira sobre a segunda, e diz que tudo pode virar funk e atingir um público que de repente, a música original não atingiu.” (Idem.)

4. Se vacina aí, pô

O ano de 2020 surpreendeu a todos com o surgimento de um vírus que espalhou-se rapidamente pelo planeta, instaurando um estado de atenção global, uma pandemia que ceifou muitas vidas e forçou a mudança de rotina das pessoas. No Brasil, o problema foi agravado pois não obstante o risco evidente da doença o país passava por uma fase obscura de negacionismo, os valores como educação, ciência e busca por conhecimento estavam à margem por um pensamento centrado no valor do mercado financeiro, achismos e charlatanismo intelectual, resultante sobretudo das massivas interações permitidas através das redes sociais.

Através de linguagens acessíveis, composições multimodais com forte apelo visual, como *gifs* ou vídeos curtos, mensagens rapidamente são compartilhadas sem verificações acerca da veracidades dos fatos expostos nelas, são as chamadas *Fake news*, ferramenta importante na disseminação do ódio e ignorância que tem ganhado cada vez mais força política desde as eleições norte americanas em que Donald Trump venceu a disputa pela presidência em 2016 através da propagação de material enganoso por meio virtual.

Nas terras tupiniquins não foram diferentes nas disputas eleitorais de 2018, marcadas por mensagens falsas divulgadas em grande escala via *Whatsapp*, por exemplo. Lendas como “a mamadeira de piroca” que os comunistas vermelhos entregariam para todas as crianças nas

¹⁰ SPINKS, John. *Your love*. In: The Outfield. Play deep [Vinil]. US: Columbia, 1985. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4N1iwQxiHrs&ab_channel=TheOutfieldVEVO. Acesso em: 07/01/2021.

¹¹ JUNIOR, Francisco De Assis Mota / MOTA, Leonardo Pereira, *Rap das armas*. Cidinho e Doca [CD]. BR: Warner Music, 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Rj-Q-cgG70I&ab_channel=UltraMusic. Acesso em: 07/01/2021.



escolas, ou dos livros que converteriam os estudantes em homossexuais devassos por professores esquerdistas contra os valores cristãos e morais da família de bem. São apenas alguns exemplos diante da situação caótica em que já se encontrava o Brasil antes dessa crise mundial.

No auge da crise em 2020, a disputa narrativa ganhou força e políticos interessados em antecipar suas campanhas eleitorais começaram a adotar posicionamentos de caráter populistas. Por um lado, o governo federal, negando a existência de risco real da doença, evitando medidas restritivas ou mesmo se comprometendo com um plano nacional de combate à epidemia. Por outro, governadores estaduais usando de suas ações em busca de diminuir o número de óbitos em suas regiões como trunfos de suas destrezas e eficácias como gestores.

Enquanto isso, laboratórios e pesquisadores do mundo corriam em busca de respostas para encontrar uma vacina e, em tempo admirável, apresentaram alguns resultados, dentre eles a CoronaVac, fruto da parceria do Instituto Butantan com a fabricante chinesa de medicamentos Sinovac Biotech para conceber, desenvolver e testar uma vacina¹². Não tardou para o governo estadual se gabar do lançamento e o governo federal junto ao chamado “Gabinete do ódio” propagaram notícias falsas que colocavam em dúvida a eficácia da vacina, em publicações repletas de xenofobia, uma enxurrada de horrores e falta de conhecimento circulou rapidamente pelas redes, gerando medo e dúvidas na população.

A saída encontrada pelo Instituto Butantan para conscientizar o maior número possível de pessoas foi peculiar, arrojada e admirável. Aproveitou-se de um fenômeno midiático e trouxe para dentro do seu centro de pesquisas o funkeiro MC Fioti para gravar uma versão do seu maior sucesso *Bum bum tam tam*, modificado para enfatizar o Instituto Butantan e a

¹² Segundo informações do site do Instituto Butantan publicadas em 18/01/2021: a parceria entre as duas instituições prevê troca de conhecimento e de tecnologia, mas a produção da CoronaVac é local, ou seja, feita totalmente no Brasil. Em outras palavras, o desenvolvimento da CoronaVac é do Butantan, utilizando matéria-prima chinesa. In A PARCERIA TECNOLÓGICA QUE FEZ DA CORONAVAC A VACINA DO BRASIL. BUTANTAN, 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/a-parceria-tecnologica-que-fez-da-coronavac-a-vacina-do-brasil>. Acesso em: 11/11/2021.



importância da vacinação¹³. Assim que anunciaram a criação da vacina pelo Instituto, MC Fioti, atento às movimentações nas redes sociais, percebeu o grande número de pessoas associando o nome Butantan com Bum bum tam tam brincando com a proximidade entre os termos, o meme chegou aos assuntos mais comentados do *Twitter* e rapidamente o funkeiro lançou em sua conta no Instagram uma publicação temporária, *Storie*, cantando uma versão à capela do seu hit em uma versão em homenagem a vacina. Durante o processo das filmagens para a nova versão da canção, o funkeiro afirmou em entrevista à BBC a importância da parceria: “O nosso funk está se agregando à medicina e isso nunca aconteceu na história”¹⁴, disse. Na mesma entrevista, Fioti fala sobre a necessidade de se posicionar contra o negacionismo “Fico muito feliz porque de alguma forma estou podendo ajudar através da música, com alegria, e incentivando as pessoas a tomar a vacina. Tem muita gente aqui no Brasil que fica em cima do muro, que não quer tomar a vacina e tal” e finaliza categórico “Eu vou tomar. Com certeza”.

A versão ficou pronta no início de 2021¹⁵, “viralizou” e teve o videoclipe gravado nas dependências do próprio Instituto. Fioti afirma que chegou a receber um telefonema do governador João Dória o parabenizando pela iniciativa. A nova versão alavancou ainda mais o número de visualizações da já recordista publicação do clipe original no *YouTube*, atingindo o número superior a 1,6 bilhão.

A nova letra da canção:

É a vacina envolvente que mexe com a mente de quem tá presente
É a vacina saliente, que vai curar “nois” do vírus e salvar muita gente
Aí eu falei assim pra ela:
Vai, vai no Bubutantã, vai no Bubutantã
Vai, vai no Bubutantã, vem no Bubutantã
Autenticamente falando: Se vacina aí, pô
Nois tá tipo como? Instituto Butantã

¹³ ESTREIA NOVA VERSÃO DE “BUM BUM TAM TAM”, DE MC FIOTI, GRAVADA NO BUTANTAN. Butantan, 2021. Disponível em <https://butantan.gov.br/noticias/estrela-nova-versao-de-%E2%80%9Cbum-bum-tam-tam%E2%80%9D-de-mc-fiote-gravada-no-butantan>. Acesso em: 23/03/2021.

¹⁴ SENRA, Ricardo. ‘É o funk unido à medicina’: MC Fioti grava novo vídeo de ‘Bum Bum Tam Tam’ na sede do Butantan. BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55675024>. Acesso em: 23/03/2021.

¹⁵ VACINA BUTANTAN. Direção: Kaique Alves. Produção: KondZilla. Brasil, 2021. [Online]. (3 min. 11 s), colorido. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yQ8xJHuW7TY&ab_channel=CanalKondZilla acessado em 23/03/2021.



A versão encaixa os novos versos no mesmo esquema rimático já estabelecido, embora as sílabas poéticas tenham tamanhos diferentes:

“Flauta” / “Vacina”

“As novinha saliente fica loucona e se joga pra gente” / “É a vacina saliente, que vai curar “nóis” do vírus e salvar muita gente”

A diferença gera uma certa quebra de expectativa aos ouvidos, caso conheça a versão original, no entanto é de costume popular versões de canções, sobretudo internacionais, que os arranjadores tentam encaixar suas letras mesmo que excedam o padrão da versificação original. Neste caso em especial, a boa intenção da ação justifica o que poderia ser considerado pecado do versador.

Acho que a minha música, o funk, conversa muito com a comunidade. Por meio dessa nova versão e do clipe a gente vai conseguir passar a mensagem e eles vão se conscientizar de que a solução para a gente é se vacinar. (FERREIRA, 2020)¹⁶.

O sucesso reacendeu o debate sobre o funk, comentários nos portais que transmitiam a notícia demonstram o preconceito que resiste contra esse movimento que, apesar de a cada dia firmar sua importância como expressão cultural legítima, ainda encontra um longo caminho a ser percorrido para sua aceitação e legitimação pelas elites intelectuais e no próprio meio musical.

Um exemplo disso foi o infeliz comentário de Rick Bonadio, produtor musical famoso por produzir bandas de sucesso no *mainstream* como Rouge, Br'oz, Mamonas Assassinas, Rodolfo & Et, acerca da apresentação da estrela do rap internacional Cardi B no Grammy 2021 por ter usado a introdução de um remix de funk produzido por Pedro Sampaio¹⁷. Muitos internautas engajados na propagação do funk vibraram e a resposta do produtor evidenciou os anos de atraso dos pensamentos daqueles que controlam o mercado fonográfico e boa parte

¹⁶ FERREIRA, Leandro Aparecido. in *MC Fioti lança clipe de nova versão de 'Bum bum tam tam' em homenagem à vacina CoronaVac*. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/01/23/mc-fiotti-lanca-clipe-de-bum-bum-tam-tam-em-homenagem-a-vacina-coronavac.ghtml>. Acesso em: 11/11/2021.

¹⁷ ENTENDA POLÊMICA ENVOLVENDO PRODUTOR RICK BONADIO E EXPOENTES DO FUNK. Correio Braziliense, 2021. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/03/4912057-entenda-polemica-envolvendo-produtor-rick-bonadio-e-expoentes-do-funk.html>. Acesso em: 23/03/2021.



do mercado cultural como um todo. Bonadio escreveu em sua conta no *Twitter*: "Já exportamos bossa nova, já exportamos samba rock, Jobim, Ben Jor. Até Roberto Carlos. Mas o barulho que fazem por causa de 15 segundos de funk na apresentação da Cardi B, me deixa com vergonha. Precisamos exportar música boa e não esse 'fica de quatro'". Após a repercussão negativa, ele apagou o tuíte.

A resposta no universo digital foi instantânea, diversos artistas do funk responderam indignados ao produtor, dentre eles Anitta, cantora que a cada dia cresce no mercado fonográfico internacional e o próprio citado Pedro Sampaio lançou uma versão em funk de uma canção dos Mamonas Assassinas, banda pela qual Bonadio ficou famoso por produzir. As palavras do produtor ecoaram tantas outras vozes que comungam com suas ideias, todavia como podemos concluir ao longo deste trabalho, não foi por acidente que o funk se criou, nem ao acaso tem ganhado seu espaço e não dependerá da aprovação dos que se julgam senhores para continuar crescendo e re-existindo.

No entanto, não podemos nos furtar de considerar, mesmo que muito brevemente, as questões como a da reprodução vazia da cultura materialista capitalista, a ostentação; a da representação da figura feminina, muitas vezes feita por um olhar machista, fetichista e reificado; além do estabelecimento da repercussão, como o de número de visualizações como critério para aferição de sucesso de um artista ou de sua produção cultural. Pontos espinhentos que ainda permeiam o imaginário das pessoas distantes do movimento funk como um todo. Essas questões problemáticas são dignas de atenção e precisariam de outros tantos artigos para darem conta de suas complexidades.

A nós coube trazer a perspectiva de que o funk pode sim ser instrumento na luta para auxiliar na emancipação dos sujeitos, a partir da conscientização de si enquanto agentes em que as ações afetam o coletivo. Podemos citar as canções de empoderamento feminino, entre elas destacamos, *Tá pra nascer homem que vai mandar em mim*¹⁸ da MC Valesca Popozuda e a

¹⁸ VIANNA, Wallace e VIEIRA, André. *Tá pra nascer homem que vai mandar em mim*. Valesca Popozuda. Single [Online]. Pardal Produções. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Zu2NPur89M&ab_channel=ValescaPopozuda acessado em 11/11/2021.



canção fruto da parceria entre MC Carol e Karol Conká, *100% feminista*¹⁹, ambas trazem nas letras a cobrança dos direitos das mulheres sobre seus corpos. MC Carol em outra canção, *Não foi Cabral*²⁰, destaca a figura feminina de Dandara na resistência contra a escravização dos povos trazidos do continente africano e reinvidica uma leitura do Brasil mais crítica em que se exponha o genocídio indígena e a exploração de pessoas negras escravizadas²¹. Exemplos não faltam de canções dentro do gênero que fogem aos temas estigmatizados.

5. Conclusão

Não por acaso Leandro Aparecido Ferreira, o Mc Fioti, alcançou o sucesso, tampouco foi sorte ser o primeiro brasileiro a ter mais de um bilhão de visualizações no *YouTube*. Apesar da pouca idade, o funkeiro estava atento às tendências do movimento cultural de que faz parte e considerou toda sua experiência ao compor o *hit* de maior sucesso até o momento.

Gravou com o que tinha à disposição, conforme o próprio autor “um aparelho celular com microfone e um notebook cheio de vírus”²². Após todo o alcance popular da canção, um empreendimento internacional com versão trilingue dela foi feito, porém os esforços para tentar superar a versão caseira foram em vão, Fioti conseguiu ao seu jeito, com os ruídos do apartamento em que gravou, transpor para a criação o ambiente em que foi criada, captou com seu celular a fagulha da verdade, a partilha do sensível que nos afirma Rancière, o “punctum” que é captado na fotografia segundo Barthes, esse instante de vida que transborda na arte.

¹⁹ LOURENÇO, Carolina de Oliveira. JUSTI, Leo. SILVA, André Murilo da. OLIVEIRA, Karoline de Freitas. *100% feminista*. MC Carol & Karol Conká. Bandida [CD]. Heavy Baile Sounds. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W05v0B59K5s&ab_channel=McCarolOficial acessado em 11/11/2021.

²⁰ LOURENÇO, Carolina de Oliveira. JUSTI, Leo. *Não foi Cabral*. Bandida [CD]. Heavy Baile Sounds. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yYs5U50jUeU&ab_channel=McCarolOficial acessado em 11/11/2021.

²¹ BOECKEL, Cristina. *Professores analisam funk de MC Carol que contesta a história do Brasil*. G1, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/musica/noticia/2015/07/professores-analisam-funk-de-mc-carol-que-contesta-historia-do-brasil.html>. Acesso em 11/11/2021.

²² ORTEGA, Rodrigo. *Como MC Fioti usou flauta de Bach em produção caseira e transformou 'Bum bum tam tam' em aposta mundial*. G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/como-mc-fioti-usou-flauta-de-bach-em-producao-caseira-e-transformou-bum-bum-tam-tam-em-aposta-mundial.ghtml>. Acesso em: 28/12/2020



Venceu o desafio que é transpor um evento muito maior como é o caso do funk dentro de uma gravação, algo semelhante com o que se passou no começo do século passado quando se tentava registrar o evento Partido Alto, além das dificuldades por limitações técnicas, havia o algo a mais que é o envolvimento humano, o ruído, o calor, o não padronizado tampouco estetizado. No caminhar dos tempos e com as mudanças tecnológicas e dos costumes o samba coube num vinil, depois CD, até chegar ao streaming. Coube? Ou ao menos conseguiu se convencionar o que era o samba dentro de um limite. Ainda é cedo para afirmar que Fioti conseguiu captar a essência do funk em sua canção (caso exista esta essência), mas certamente ele foi quem chegou mais perto disso.

6. Referências

- BUTANTAN. *A parceria Tecnológica que fez a Coronavac a Vacina do Brasil*. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/a-parceria-tecnologica-que-fez-da-coronavac-a-vacina-do-brasil>. Acesso em: 11/11/2021.
- BABY SHARK É O VÍDEO MAIS ASSISTIDO DO YOUTUBE. *Isto é dinheiro*. 2020. Disponível em <https://www.istoedinheiro.com.br/baby-shark-e-o-video-mais-assistido-do-youtube-confira-aqui> acesso em 07/01/2021.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BELO, Rafaela Freitas. *O bonde passou: videoclipes de funk ostentação e o mercado musical brasileiro na internet*. Vitória, ES. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades, 2016.
- BOECKEL, Cristina. *Professores analisam funk de MC Carol que contesta a história do Brasil*. G1, 2015 Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/musica/noticia/2015/07/professores-analisam-funk-de-mc-carol-que-contesta-historia-do-brasil.html>. Acesso em 11/11/2021.
- CARTOLA (Angenor de Oliveira). *Sala de recepção*. In: CARTOLA II. Cartola: [Vinil]. BR: Marcus Pereira Discos, 1976.
- DAYRELL, Juarez. *O rap e o funk na socialização da juventude*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002. <https://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf>
- DO FUNK AO POP. Direção: Jorge Nassaralla. Produção: KN Vídeo e Canal BIS. Brasil, 2013. Documentário, 54'07", colorido. Programa BIS Docs. Exibido em 05/09/2013.



- ENTENDA POLÊMICA ENVOLVENDO PRODUTOR RICK BONADIO E EXPOENTES DO FUNK. Correio Braziliense, 2021. Disponível em <https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/03/4912057-entenda-polemica-envolvendo-produtor-rick-bonadio-e-expoentes-do-funk.html>. Acesso em: 23/03/2021.
- ESTREIA NOVA VERSÃO DE “BUM BUM TAM TAM”, DE MC FIOTI, GRAVADA NO BUTANTAN. Butantan, 2021. Disponível em <https://butantan.gov.br/noticias/estrela-nova-versao-de-%E2%80%9Cbum-bum-tam-tam%E2%80%9D-de-mc-fiotti-gravada-no-butantan>. Acesso em: 23/03/2021.
- FERREIRA, Leandro Aparecido. *Bum Bum Tam Tam*. In: MC Fioti. *Bum Bum Tam Tam*: Single [Online]. São Paulo: RW Produtora, 08/03/2017.
- FERREIRA, Leandro Aparecido. in *MC Fioti lança clipe de nova versão de 'Bum bum tam tam' em homenagem à vacina CoronaVac*. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/01/23/mc-fiotti-lanca-clipe-de-bum-bum-tam-tam-em-homenagem-a-vacina-coronavac.ghtml>. Acesso em: 11/11/2021.
- FUNK OSTENTAÇÃO - O FILME. Direção: Renato Barreiros e Konrad Dantas. Produção: Kondzilla e 3K Produtora. Co-Produção: Funk na caixa. Brasil, 2012. Documentário, 36'31". Colorido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5V3ZK6jAuNI>. Acesso em: 25/11/2021.
- HUIZINGA, Johan. *A Função da forma poética*. In: Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.
- JUNIOR, Francisco De Assis Mota / MOTA, Leonardo Pereira, *Rap das armas*. Cidinho e Doca [CD]. BR: Warner Music, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rj-Q-cgG70I&abchannel=UltraMusic>. Acesso em: 07/01/2021.
- KADUSHIN, Raphael. *O sumiço de 130 crianças alemãs por trás da lenda mágica do flautista de Hamelin*. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-54448658>. Acesso em: 03/07/2021.
- LOPES, Adriana Carvalho. *“Funk-se quem quise” no batidão negro da cidade carioca*. Campinas, SP, Tese doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270844>. Acesso em: 16/08/2018.
- LOURENÇO, Carolina de Oliveira. JUSTI, Leo. SILVA, André Murilo da. OLIVEIRA, Karoline de Freitas. *100% feminista*. MC Carol & Karol Conká. Bandida [CD]. Heavy Baile Sounds. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W05v0B59K5s&ab_channel=McCarolOficial acessado em 11/11/2021.
- LOURENÇO, Carolina de Oliveira. JUSTI, Leo. *Não foi Cabral*. Bandida [CD]. Heavy Baile Sounds. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yYs5U5OjUeU&ab_channel=McCarolOficial acessado em 11/11/2021.



- MARQUES, Pedro. *Poética da sacada: do corpo ao caco contemporâneo*. In: Revista do CESP. Belo Horizonte, v. 34, n. 51, jan.-jun. 2014.
- MC. Significados, 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/mc>. Acesso em: 28/12/2020.
- NEVES, Cynthia Agra de Brito. *Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo*. Linha D'Água, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017
- ORTEGA, Rodrigo. *Como MC Fioti usou flauta de Bach em produção caseira e transformou 'Bum bum tam tam' em aposta mundial*. G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/como-mc-fioti-usou-flauta-de-bach-em-producao-caseira-e-transformou-bum-bum-tam-tam-em-aposta-mundial.ghtml>. Acesso em: 07/01/2021.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo, Editora 34, 2005.
- SENA, Ricardo. *'É o funk unido à medicina": MC Fioti grava novo vídeo de 'Bum Bum Tam Tam' na sede do Butantan*. BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55675024>. Acesso em: 23/03/2021.
- SILVA, José Carlos Gomes da. *Do Hip-Hop ao Sarau Vila Fundão: jovens, música e poesia na cidade de São Paulo*. Cadernos de Arte e Antropologia [Online], Vol. 1, No 2 | 2012, posto online no dia 01 outubro 2012, consultado o 03 dezembro 2020.
- SPINKS, John. *Your love*. In: The Outfield. Play deep [Vinil]. US: Columbia, 1985. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4N1iwQxiHrs&ab_channel=TheOutfieldVEVO. Acesso em: 07/01/2021.
- VACINA BUTANTAN. Direção: Kaique Alves. Produção: KondZilla. Brasil, 2021. [Online] 3'11", colorido. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yQ8xjHuW7TY&ab_channel=CanalKondZilla acessado em 23/03/2021.
- VELOSO, Vínicius. *Funk brasileiro: das raízes clássicas até a nova geração frenética*. Correio Braziliense, 2018. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/08/07/interna_diversao_arte,699492/funk-brasileiro-das-raizes-classicas-ate-a-nova-geracao-frenetica.shtml. Acesso em: 23/11/2021.
- VIANNA, Wallace e VIEIRA, André. *Tá pra nascer homem que vai mandar em mim*. Valesca Popozuda. Single [Online]. Pardal Produções. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Zu2NPur89M&ab_channel=ValescaPopozuda acessado em 11/11/2021.
- WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

